

Ilustração Portuguesa



SERIE II — N.º 752
Lisboa, 19 de Julho de 1920
20 centavos

Almeida
1920

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.

Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 2\$60 ctv.
Semestre 5\$00
Ano 10\$00

Redacção, administração e oficinas: Rua do Securo, 43 — LISBOA

INSTITUTO CLINICO DO RADIUM

Direcção tecnica do medico Dr. DECIO FERREIRA

1/2 grama de Radium



Tratamentos pelo Emanatorio e pela agua radioactiva, Raios A, Alta frequencia (Darsonvalização), Banhos hidroelectricos de Luz e Ar quente, Eletroterapia

Tratamento e cura do GANCRE, Angiomas, Nevus vasculares e pigmentares, manchas de vinho, Queloides e cicatrizes viciosas, Tuberculoses cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular, Lupus, pruridos, neurodermites, acne, eczemas, Fibromas e hemorragias uterinas, Mictritis, Uretrites cronicas, blenorragia e suas complicações, Coniuntivites, Ozeno. Manifestações terciarias da sífilis, Artrismo, gota, reumatismo, ciatica, Asma, diabetes, bocio, Doenças da pele, do coração, neuralgias, nevrites, paralisias, hipertensão arterial, arteriosclerose, dilatação da aorta, tumores, etc., etc. Aposentos para doentes.

RUA GARRETT, 61 — Telef. C.-2:570

Ouve!!!
Pó DOLLY
para a higiene
das Crianças



TOILETT
TALCUM
DOLLY

Depositaris para Portugal, Colonias e Brazil:

FAU & PALET L.^{DA}
Rua Aurea, 101, 2.º, D. — LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Ações.....	360.000\$00
Obrigações.....	284.220\$00
Fundos de reserva e amortização.....	380.000\$00
Escudos.....	1.024.220\$00

SEDE EM LISBOA, Proprietaria das fabricas do Prado, Marfanala e Sobretirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louza) Vale Malor (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do patz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua na Princesa, 276, PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 003, Porto, 117.

CULTURA ESTETICA

A mulher consegue aperfeçoar-se como uma Venus, consultando MADAME CAMPOS Directora da

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 23

Telefone 3641

CONSULTAS GRATUITAS ENVIANDO ESTAMPILHA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 752

Lisboa, 19 de julho de 1920

20 Centavos



A Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Adelaide Malheiro Dias Moniz Pereira, filha do escritor Carlos Malheiro Dias, que há pouco se consorciou.—(Cliché Serra Ribelro).



DS alemães mostram-se mediocremente satisfeitos com os resultados da Conferencia de Spa, como se vê pela sua imprensa, que o menos que chama aos delegados dos aliados é «ladrões»; em compensação os aliados, se não occultam o seu contentamento, já nas declarações de Millerand, accentuando que se fizeram muitos progressos pelo que respeita ás relações entre a França e a Inglaterra, já nas de Lloyd George, que se mostra optimista acerca dos resultados finais da Conferencia, empregam linguagem cortez e, quanto a actos, vê-se que transigem até onde é possível transigrir.

Explicam-se as duas atitudes e eram até de prever, quando a Alemanha se confessou vencida; muito diferentes d'estas seriam as dos dois contendores se o contra-

rio se tem dado, isto é, se a Alemanha tem ficado vencedora, a julgar pelas ameaças, pela violencia e pelo orgulhoso atrevimento que patentearam nos primeiros dias da luta; a Portugal contavam eles «fazer chorar lagrimas de sangue...»

Tudo esquecemos e as indignações d'agora, expressas tão grosseiramente, leva-las-hemos á conta de desabafo, que não provocará em nós a mais pequena reacção vingativa. Mandem-nos mercadorias, das que não fabricamos, em abundancia e baratas e lá em familia podem chamar-nos os nomes que quizerem.

ESTÁ de luto o episcopado português, pelo falecimento d'uma das suas figuras de mais prestigio, o sr. D. Augusto Eduardo Nunes, o venerando arcebispo de Evora, logar espinhoso, que durante 30 anos exerceu sabiamente, conquistando as sympathias gerais, por um procedimento irrepreensivel e por qualidades raras de talento e de ponderação. Tendo atravessado uma época considerada por muitos catholicos como calamitosa, quando outros de igual categoria e a quem estavam confiados iguaes interesses não puderam ou não souberam fugir aos excessos apaixonados da condição humana, ele conseguiu conservar serena e magestosa a sua alta individualidade e impôr a todos o respeito devido aos principios que defendia e representava.

Naturalmente afivel, d'uma hlancaza que não descia á baixa familiaridade, o illustre prelado nunca nas occasiões proprias perdia a necessaria gravidade. Fomos quasi testemunhas «de visu» de um facto que tal confirma. Ha 25 annos o illustre pastor, andando em visita pela arquidiocese, annunciou a sua chegada a certa cidade importante, pelo que ali se fizeram preparativos dignos de tão grande honra. Fóra da povoação juntaram-se as pessoas mais categorisadas, representantes das classes sociais de mais destaque e muito povo, para receber e acompanhar sua excellencia reverendissima, que n'uma capela extra-urbana havia de paramentar-se e depois seguir a pé até á igreja onde pregaria, no centro da cidade.

Paramentou-se, efectivamente, o sr. D. Augusto Eduardo Nunes e quando tudo se dispunha para a partida, eis que surge um incidente inesperado: o administrador do concelho e um titular, conde e par do reino, adiantaram-se com o fim de segurar na cauda prelatia, mas como o ceremonial mudava que só houvesse um

caudatario, os dois estacaram e começaram a discutir sobre os requisitos que em cada um d'ellos concorriam e lhe davam a prioridade em tão importante função. O administrador alegava que era a primeira autoridade do concelho, o titular que tinha evidente superioridade honorifica e n'esta luta de palavras se gastou algum tempo, até que um cedeu, não sabemos qual, sem que o arcebispo perdesse, nem por um segundo, a seriedade que lhe competia conservar.

Ouvimos dizer que no dia seguinte, n'um grupo em que se encontravam os dois caturras, o sr. D. Augusto Eduardo Nunes, sem aludir ao episodio, encaminhou a conversação para a historia anedotica da cidade onde se encontrava e a proposito citou o «Hissopo» do imortal Antonio Diniz da Cruz e Silva:

*Eu canto o bispo e a espantosa guerra
Que o hissope excitou na igreja d'Elvas...*

VAI enriquecendo o nosso Jardim Zoologico, não só porque muitas das especies ali em exposição se reproduzem satisfatoriamente, mas porque as ofertas de novos exemplares são numerosas, como aconteceu na ultima semana, em que se registou a entrada d'um casal de cinocefalos «Mandrill», dois gatos almiscarados, um carneiro de quatro hastes, alguns macacos e um porco que, segundo dizem os jornaes; ainda não foi classificado; para breve, já se conta com a chegada d'um formoso e alentadissimo elefante.

Atendendo ás condições actuais do mercado, á carestia das subsistencias e falta de muitas, não sabemos se este afan em aumentar a população do Jardim é de congratular ou de censurar; não fará falta ao homem o alimento que tem de se dar ao bicho, seja este carnívoro ou herbívoro, e se a crise continuar não virá o bicho a morrer de fome?

Estas reflexões apresentamos aos ofertantes, n'um movimento egoista de defesa, que não podemos reprimir, recomendando ao mesmo tempo moderação nas generosidades, em proveito dos proprios animalejos, não só pelo motivo exposto mas porque pode muito bem acontecer que um belo dia, quando os talhos e a Praça da Figueira fecharem definitivamente, os visitantes acorram apressadamente ao Jardim, não para os admirar mas para os comer.

RECEBEMOS ultimamente dois livros de versos, que merecem ser lidos: «Musa pagã» do sr. Tomás da Fonseca e «Arvore do Natal» do sr. Antonio Ferro. São dois postas sinceros, d'uma tecnica perfeita; a «Musa pagã» entoa hinos ao Dia, á Terra, á Virtude, á Lua, á Alegria e canções ás Andorinhas, ás Estrelas, á Felicidade... A «Arvore do Natal» canta Jerusalem, Amôres, Ternuras, e até objectos familiares, como uma simples cigarrilha, que inspirou ao artista estas duas quadras, sem duvida d'um sabor pouco trivial:

*O' minha cigarrilha perfumada,
Vestido branco mas de ponta de ouro,
Lembras-me assim, tão pura e tão delgada,
A minha noiva de cabelo loiro...*

*Com' tu, Ela está tuberculosa,
Desiludida já dos grandes sabios...
E ambas, n'uma agonia dolorosa,
Morrem no sanatorio dos meus labios.*



Acacio de Paiva



CIDADES DE PORTUGAL

TOMAR

por
Garcez
Teixeira



pulpito, rival do de Santa Cruz em Coimbra, e os 8 quadros da Capela-Mór e o «Baptistério» da Sacristia, belas obras dos nossos primitivos pintores ou talvez alguns de pincel flamengo. Pela «Apresentação da Cabeça de S. João», que se vê restaurado pelo magico pincel de Luciano Freire, se pode fazer ideia do seu valor e do que viria a ser o triptico que se acha actualmente soffrendo a necessaria beneficiação.

Defronte levantam-se os Paços do Concelho. Admirando as duas belas janelas de canto, na rua Direita e na rua de S. João, passamos a forte ponte manuelina e paramos deante do portal da Capela de Santa Iria, obra do insigne João de Castilho e, entrando, admiramos o magifico retabulo, o «Calvario», em pedra de Ançã. Depois seguimos até «Santa Maria de Oliveas», reliquia sagrada de tempos de fé e de patriotismo. Como sede dos Templarios e mais tarde da Ordem de Cristo, foi sob esta a «Ballia» de todas as igrejas que a Ordem de Cristo

fundou na Europa, Africa, Asia e America.

Hoje estaria em lastimavel ruina, se não lhe acodem tão depressa os esforços de «União dos Amigos dos Mestres da Ordem de Cristo», fazendo-se obras necessarias á sua conservação. N'ela se enterraram os Mestres da Ordem dos Templarios e um da de Cristo. D'aqueles ainda existem dois epitafios: um de Gualdim Paes, o imortal fundador de Tomar e o outro de Lourenço Martins. D. Diogo Pinheiro, celebre portuguez do seculo XVI, tambem ali está sepultado em jazigo notavel de architectura.

Seguindo pela estrada fronteira a «Santa Maria» encontram-se, a dois kilometros, as ruinas romanas que de começo se baptisaram com o nome de «Nabancia».

N'esta estrada, a meio caminho de «Nabancia», é que existe a estilizada casa portugueza do Dr. Vieira Guimarães, que, entre outros motivos artisticos, conta uma antiga janela em linda architectura manuelina.

Voltando á cidade e indo pela «Avenida Moegos de Tomar», entramos nos lindos jardins, á beira Nabão, da «Varzea Pequena», d'onde vemos a oitavada «ca-

QUER seja porque a risonha cidade de Tomar tenha por progenitor a problematica «Nabancia» ou a desaparecida «Selia», ou por que ela tenha ido buscar o seu nome ao nosso conhecido tomilho ou porque o tenha recebido do arabe «tamarmá» ou ainda do brado do glorioso D. Gualdim Paes: «Tomal-o! Tomal-o!», quando corria atraz d'um esquivo javali, o certo é que aquella cidade é um dos belos cantinhos do nosso país.

Se já houvesse o tão falado e necessario caminho de ferro do Entroncamento-Tomar-Batalha-Alcobaça-Nazaré e se os visitantes não soubessem que ha hoteis na cidade se não quando lhes é apresentada a conta da hospedagem, não ha duvida que desde a primavera até ao outono aí iriam milhares de portuguezes em piedosa peregrinação ao nosso mais portuguez e mais completo monumento architectónico. E não é só o Convento de Cristo que ha ali pr'a vêr. Veja-se a maravilhosa paisagem que se desenrola ao longo do pitoresco Nabão, desde o Açude da Fabrica até á Matrena!!

A Fonte Quente, Quinta do Almeida, Padrão, Marianaia, Pinhal de S. Cita e mil outros trechos, são outros tantos assuntos para surpreendentes quadros e, ainda ha pouco tempo, um dos nossos primeiros pintores, me mostrava, de sobre a ponte, a vista por juzante, debaixo de misteriosa luz que já não é de dia mas que ainda não é de noite e me dizia — «Bruger, a morta!!»

Antes porém de visitarmos o notavel e patriótico monumento, vejamos rapidamente, o muito que a cidade nos oferece.

Logo á entrada ha o hospital civil, caracteristica construção com a sua ampla igreja, depois o palacio dos «Cubos», «Os Estarros», S. Francisco, o «Padrão» da Varzea Grande e retrocedendo, e indo pela Rua Direita, deparamos com a bela igreja de S. João Baptista, restaurada em 1510 por D. Manuel, com os seus elegantes portões da entrada principal e lateral e com a sua esbelta torre, talvez a mais bela de Portugal. Dentro o delicado

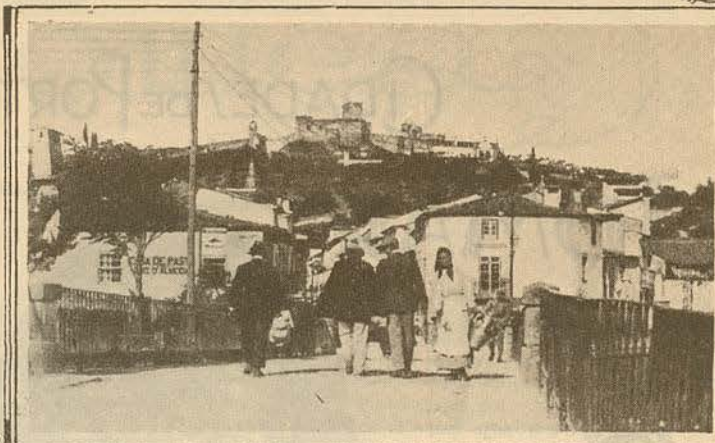
Tomar está em foco pela visita que lhe fizeram os archeologos. A pitoresca cidade das margens do Nabão é hoje evocada pelo saber e pela prosa do coronel de engenharia e archeologo distinto sr. Garcez Teixeira, inspector da 7.ª divisão do Exercito e fundador do Museu Gualdim Paes. Artigo da maior oportunidade e também mais uma contribuição das que contam para a propaganda das nossas cidades e belezas do país.

pela de S. Gregorio», e o Santuario da «Senhora da Piedade» padroeira de Tomar e donde se disfruta um lindo panorama.

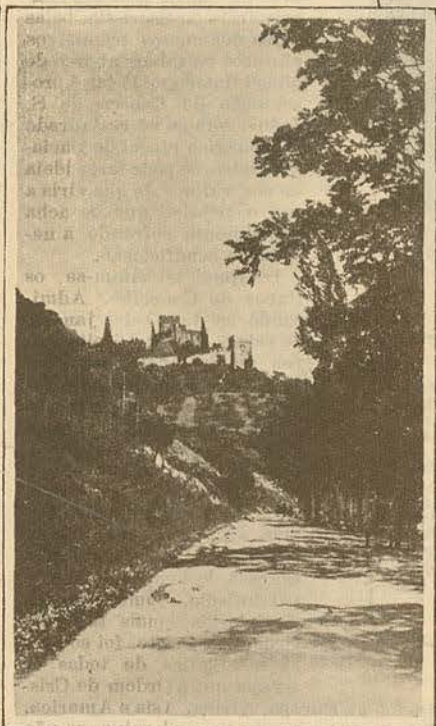
Quer subâmos pela «Calçada» ou pela «Avenida Dr. Vieira Guimaraes», paremos, antes de entrar no grandioso Mosteiro de Cristo, deante da Capela de N. S.ª da Conceição, em forma de basilica, uma verdadeira joia architectonica do mais puro estilo da Renascença.

Agora acabamos estes fngitivos traços sobre cidade tão rica em arte e historia, por onde geralmente o visitante começa, — pelo Castello de Gualdim Paes e pelo Convento de Cristo.

Não vamos fazer uma ampla



Tomar vista da ponte sobre o Nabão



Castello visto da estrada que conduz a Patalvo

descriçãod'este tão notavel monumento; isso levaria vinte volumes de prosa e de gravuras, tal é a arte, a grandesa e a imponencia da sua fabrica!!

Traemos sómente uma rápida rese-

na. Entrando pela porta de «S. Tiago», no terreiro onde se realisaram as côrtes que aclamaram D. Filipe I, temos á direita o recinto da Alçana do castello, com a sua alta torre de menagem na qual o infante D. Henrique mandou construir os «Paços», que depois foram transformados nos faustosos «Paços» de D. Catarina, enquanto regia o reino na menoridade de D. Sebastião. Da varanda que olha a nascente, goza-se um lindissimo panorama sobre a cidade que pode ter igual, mas não superior. Ao fundo do terreiro, uma escadaria conduz-nos ao terraço que dá entrada pela direita para a egreja e pela esquerda á casa do Capitulo, incompleta, maravilhoso trecho manuelino que nunca chegou a ser acabado, devido á morte de D. Manuel e á grandiosidade da obra.

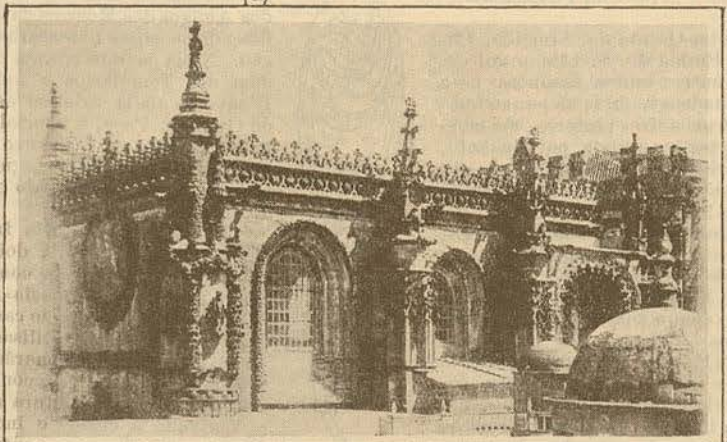
Para a Igreja dos cavaleiros de Cristo ingressa-se pelo magestoso portal, a obra do famigerado João de Castilho, que não descrevemos, pois obras d'estas não se descrevem: vêem-se.

A entrada no Templo é uma verdadeira surpresa para o visitante.

Composto de duas partes das mais heterogeneas architecturas e ainda, infelizmente, faltando-lhe o riquissimo cadeiral e um grande numero de accessorios de ornamentação manuelina e reinados subsequentes, não é facil formar rapidamente uma ideia, nem aproximada, do que seria aquelle Templo no faustoso seculo XVI.

A parte que fica á direita da entrada foi construida por Gualdim Paes e constitue desde D. Manuel a «Charóla». Primitivo santuario dos cavaleiros do Templo é em forma poligonal, tendo ao centro o altar-mór sob uma cupula sustentada por 8 feixes de colunas.

Todo este corpo, primitivamente da mais simples architectura românica, foi no tempo do «Venturoso» estucado, pintado e ornado com quadros e obras de talha e estatuaria. Infelizmente a decadencia da Ordem de Cristo nos ultimos tempos, as in-



Trecho do Convento de Cristo



Castelo, Convento e queda d'agua do Nabão

vasões dos franceses e as degradações dos portugueses, principalmente, depois de 1834, vieram dismantelar aquele original conjunto da arte romanica e do inicio do renascimento.

Todos os quadros moveis vieram a desaparecer e dos fixos apenas ali existem 4, belas obras do nosso florescentissimo seculo XVI que estão ainda imperfeitamente estudados para que se possa determinar o autor. Agora, pelos estudos promovidos pela «União dos Amigos dos Mestres da Ordem de Cristo» e com a boa vontade das estações superiores, foram encontrados mais tres d'esses quadros e restos de outros 4, sendo estes ultimos bem como duas das 7 estatuas dos projectos, que faltam, levados para Tomar a fim de serem repostos nos seus respectivos logares.

Vê-se que por ali passou a mão sacrilega do homem, que sabe destruir aquilo que não pôde subtrair. Talvez fosse, por se achar tão alto, que escapou um famoso tubo do órgão, unica peça que deste resta, talvez unica no seu genero. E' de madeira e tem 32 pés ou sejam uns 10,5 e uns 0,80 de diametro!

N'esta parte da igreja se acham as sepulturas de D. Lopo Dias de Sousa e de D. Antonio de Lisboa.

Fazendo contraste com o brilhantismo das pinturas e dos donrados da «Charola», está o côro da igreja à esquerda da entrada.

Absolutamente nua do cadeiral de Olivier de Gaud e de Munoz e dos órgãos hoje apenas nos apresenta, para enlevo dos olhos, o belo tecto manuelino, que se ergue sobre esplendidas misulas. Quatro grandes janelas dão luz a esta parte da igreja d u p l a m e n t e com seu espelho na face poente.

Da «Charola» passa-se ao «Claustro do Cemiterio», construido por D. Henrique, o «Navegador», no mais elegante estilo gotico, assim como o que está ao pé, o da «Lavagem».

Sobre o claustro do «Cemiterio» abrem-se a capela dos Portocarreiros e a

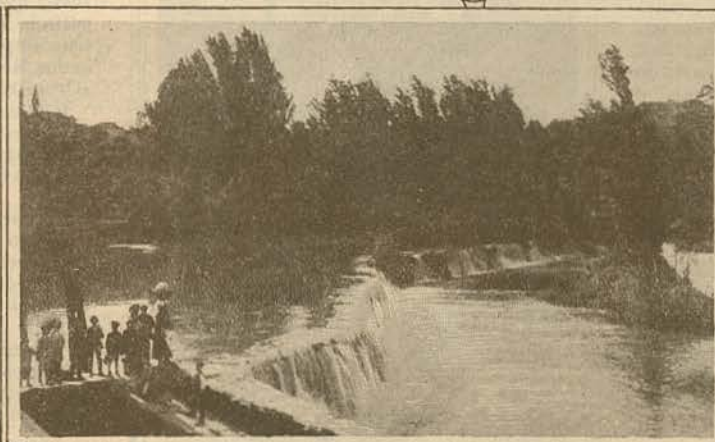


Pulpito da igreja de S. João

peitoril foi agora posto a descoberto.

Do pavimento inferior passa-se para o refeitório e para o claustro de «Santa Barbara».

Na sala do refeitório, ampla sala abobadada, com dois ma-



Trecho do Nabão

gníficos pulpitos, acha-se em organização um museu regional, já bastante rico na parte arqueológica. A coleção de estelas sepulcraes é das mais completas dos nossos museus. As passagens do claustro de «D. João III» para o refeitório, casa do Capitulo e primitiva portaria, são trabalhos de escultura da mais bela concepção. Ali se vêem, como valiosa docu-



Um trecho tirado da ponte sobre o Nabão, e que faz lembrar «Bruger-la-morte», de Rodembach

do o português que ama a sua patria.

Do claustro de «Santa Barbara» passa-se ao da «Hospedaria» e ao da «Mixa», obras tambem de João de Castilho.

Nas suas elegantes e construccões e varias ornamentações deixou o grande architecto soberbos vestigios do seu luminoso talento.

Davam estes claustros, como o das «Sentinas» serventia, ás va-



Convento de Cristo e Hospital Militar



Paços do Concelho e Castelo

mentação historica, os bustos de D. João III, de D. Catarina e de D. Antonio de Lisboa, reformador da Ordem de Cristo no tempo d'aquelle rei.

Uma fonte monumental completa a grandiosidade da fabrica.

O claustro de «Santa Barbara» compreende a face poente do côro e é portanto da sua galeria superior que se vê melhor a surpreendente janela do mesmo côro, sem duvida o mais completo exemplar do estilo mannelino que tanto entusiasmo produz em quem o contempla.

Ramalho Ortigão, descrevendo-a, fez uma bela pagina e não seremos nós que vamos descrever o que o lapis do insigne Castilho deliniou. Pode a fotografia dar-nos a exactidão de desenho, mas nem ao menos essa nos pode dar a impressão que se sente ao contemplar aquella obra prima d'um grande homem de genio. Veja-a to-



O homem dos sete instrumentos

rias dependencias do grande convento que foi um dos maiores de Portugal em area e riqueza.

Do claustro da «Mixa» sobe-se por um portão para o exterior do convento que tem aqui a sua fachada norte e onde se abre o «Portão Real» que era a portaria do edificio e que conduzia por uma ampla escadaria à «Sala dos Reis» e corredores do «Cruseiro».

Esta entrada do Convento, já de construcção filipina, está longe de corresponder á magestade de tamanha fabrica.

Os corredores do «Cruzeiro», dão serventia a numerosas celas, de um e outro lado, constituindo o vasto dormitório do convento, obra de D. João III que tanto o honra.

Sobresai aqui o tecto dos corredores, de madeira de bordo, e em forma de berço



Figuras ornamentaes do portico do Convento

«Instrução» se pode avaliar quanto é merecida uma visita circunstanciada á cidade de Tomar que infelizmente não é conhecida por muitos dos portuguezes. O archeologo, o historiador, o architecto, o pintor e o fotografo, tem ali assunto inexgotavel e em grande parte inédito para os seus estudos e para os seus trabalhos.— (Clichés do sr. J. Francisco Junlor).

e a capela do Sr. da Paciencia, que constitue o ramo superior da cruz e é uma perfeita joia da mais pura renascença. O friso superior e as pilastras dos cunhaes são obras de primoroso desenho e execução. Não tinha o convento agua, senão a das cister-nas, que são muitas e de grande capacidade, mas muita mais precisava, começando-se a abastecer-lo devidamente desde o levantador d'ele, D. João III, mas só no reinado dos Filipes é que se poude realizar tão dispendiosa e magestosa obra. Não deve o visitante deixar de vêr o aqueducto que traz a agua para o convento e que, no sitio denominado «Pegões Altos», apresenta uma dupla arcaria sobreposta, que se recomenda pela excellencia do desenho e da construcção, sendo tambem bastante notavel pela altura e pelo pitoresco do local.

Por esta rapida resenha que constitue apenas um simples roteiro do visitante ao percorrer tão grandioso e patriotico monumento e que serve agora de explicador á bela collecção de fotografias que a accompanha, devida a um dos mais inteligentes colaboradores da



Tomar — Silhueta do Convento e castelo

VIAJANTES ILUSTRES



Julião Machado

Chegou ha pouco do Brazil onde foi tão, querido estimado e considerado como o fóra entre nós, Julião achado, artista do lapis, pois é um ilustrador de fama que ao mesmo tempo é um dramaturgo de excepcional valor. Como ilustrador o seu nome é bem conhecido das paginas dos jornais e de varios livros, A primeira edição do soberbo livro de Fialho d'Almeida «O Paiz das Uvas», é illustrada por trabalho seu e como dramaturgo ainda em Janeiro de 1918, subiu no nosso Politeama a sua peça «O Modelo», peça de atualidade cu-

ja ação se passa no Rio de Janeiro e de que os principais papeis foram para Chaby e Aura Abranches, hoje Aura e Grijó. «O Modelo» obteve da critica e do publico muitos aplausos e obteve-os sem favor. E' uma peça leve, brilhante, bem observada e a que não faltam observação e teatro. Julião Machado conta demorar-se entre nós, o que o mesmo é dizer que alcançamos mais um grande, leal e digno camarada e um intenso e original artista. Seja bemvindo pois.

Tambem de passagem pelo nosso porto esteve em Lisboa, Mr. Viviani, homem de estado francês da maior preponderancia. Apenas algumas horas se demorou entre nós acompanhando-o o sr. Ministro da França na sua curta excursão pela cidade.

(Clichés Serra Ribeiro)



O estadista francês sr. Viviani e o sr. ministro da França quando desembarcaram

Casamento Elegante



CARLOS Malheiro Dias, o autor primoroso de tantas obras primas da nossa literatura, acaba de vêr casar sua filha a sr.ª D. Maria Adelaide. O noivo, bem conhecido na nossa sociedade, é o sr. Duarte Moniz Pereira e o casamento reli-



Carlos Malheiro Dias e sua filha a sr.ª D. Maria Adelaide Malheiro Dias. Moniz Pereira

gioso realizou-se na igreja de S. Sebastião da Pedreira, servindo de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria de Antas de Oliveira Reis e o antigo ministro de estado, hoje Desembargador da Relação do Porto, sr. Conde de Paçó Vieira, e por parte do noivo, seus paes sr.ª D. Hermenegilda G. Palha Moniz Pereira e João Pereira. Ao casamento civil testemunharam o sr. Dr. Aires Kopke e sua esposa. Malheiro



Os convidados (Egreja de S. Sebastião da Pedreira)

Dias, que partiu já para o Rio de Janeiro teve o consolador prazer de vêr a cerimonia nupcial de sua filha e sentiu bater mais apressado o coração. E' que a vida dos filhos são sempre as paginas mais comoventes e sentidas, mais doces e mais amadas de toda a obra que fêz bater o cerebro e o coração dos paes.

Os noivos saindo da igreja (Clichês de Serra Ribeiro)

**D. MARIA
EMILIA
TELES
DA
SYLVA**



D. Maria Emilia Teles da Sylva (Tarouca) fêz a sua estreia literaria com um livrinho que acaba de publicar e que se intitula «A Minha Gente». São meia duzia de capitulos bem interessantes, desprentenciosos e cheios de scintilancia e originalidade, scenas da vida campeza e da vida da cidade em que sobresaê o que se refere á Festa da Flôr. «A Minha Gente» é prefaciado pelo illustre homem de letras, José Antonio de Freitas, que em paginas tão bem escritas como justiceiras faz á illustre senhora, que apresenta aos leitores, os melhores vaticínios e os mais lisongeiros prognosticos. Entretanto «A Minha Gente» vaê a caminho de ser uma edição exgotada.



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

O vicio de açambarcar



— Os jornais vão para mais caros... Compro-os todos!



PALESTRA AMENA

Troça

Nós somos assim: prégamos, aconselhamos, citamos exemplos, aplaudimos e quando as nossas pregações e os nossos conselhos são ouvidos, quando os exemplos são seguidos e quando os aplausos incitam á execução, pômo-nos a trocar do que foi a nossa própria obra!

Fartaram-se as pessoas que se teem por avisadas de dizer que se devia economisar nos fatos, no calçado, etc. fosse como fosse: usando ganga, trazendo farpelas velhas e fóra de moda, não se importando ninguem de andar remendado ou roto, trazendo sandalias — e tal e coizas, sim senhores — e agora que algumas madamas tomaram o caso a serio e começaram a usar chapéu de papel, vá de achincalhar, de gazetilhar e de piparotear as economicas lisboetas, que tal fizeram!

Ha mezes lançou-se a ideia dos fatos de ganga, mas notou-se que as poucas senhoras que os vestiram, ao mesmo tempo calçaram meias de seda, por isso os fatos foram perdoados; agora, porém, as senhoras dos chapéus de papel não atenuaram essa decisão com qualquer artigo rico de vestuário e aí desataram os tais avisados cavalheiros a rir, a rir, como se elas tivessem cometido alguma acção que as tornasse comicas!

— Vai bem n'esse papel!

— Se v. ex.^a quer, eu von no emburdo!

Estas e outras frases semelhantes é o menos com que as miserias são saudadas na rua, sem que até agora a bengala d'um marido, d'um irmão, ou simplesmente de qualquer homem de bem que passe na ocasião da chufa, tenha feito compreender aos engraçados que não teem nada com o que cada um, e principalmente cada uma, põe á cabeça ou na cabeça.

Por nós vos dizemos que se fossemos casadoiros, que não somos, muito mais no agradaria para futura companheira menina que fizesse de papel o proprio chapéu e o trouxesse intemeratamente para a rua, do que a que puzesse sobre o penteado essas trapalhadas de flôres, fitas, plumas, passaros, etc. etc. que custam os olhos da cara e que, expriuidas, não valem meia folha de mata-borrão.

Usem chapéus de papel, usem, sim, não tenham vergonha, porque quando mais ninguem as aplauda e as compreenda aqui estamos nós a dar-lhes palmas e a proclamar-lhes as virtudes domesticas! De mais, um chapéu de senhora nunca foi cobertura, como é o do homem, que serve na realidade para lhe tapar o tontico; o chapéu de senhora é apenas um enfeite para lhe alindar os modos, e até se fosse substituido por uma simples flôr nada perderiam com isso muitas cabeças, pois que não ha ornamento artificial que valha um bonito cabelo, toucado com arte.

Esta é a nossa opinião e a de todas as pessoas de bom gosto. — J. Neutral.

De tubarão

Não ha ninguem mais pratico do que os americanos; isso temos dito mil vezes e continuaremos a dizer enquanto tivermos vida e saude. Lá, como cá, o calçado encareceu, entre outros motivos porque encareceu o coiro; que fazem eles? Aproveitam a pele do tubarão e d'outro qualquer animal que apanhem a jeito e com ela fazem botas tão lindas



como se fossem feitas da mais encaustadora vitela.

Já que tanta coisa copiam lá de fóra, aqui está uma que cá do ceu aos tranbulhões: até hoje são os tubarões que nos teem tirado a pele, não é verdade? Pois bem; invertam-se os papeis e trattem os nós de tirar a pele dos tubarões, com o que arrançaremos botas em conta e daremos cabo d'essa raça daninha.

Aos tubarões, já que os coiros faltam!

Simplificação

A grêve dos compositores da Imprensa Nacional veio simplicar poderosamente o funcionamento das repartições publicas e, por consequencia, a vida da propria nação, visto que teve como immediata consequencia a suspensão do «Diario do Governo».

Quando correu a noticia de que este nosso colega ia deixar de publicar-se, um fremito de pânico percorreu todos os espinhaços burocraticos. Esperou-se o catalismo. Afinal, o primeiro dia em que o «Diario» não saiu á luz decorreu sem novidade de maior, no segundo tudo se fez como se a dita gazeta tivesse aparecido, no terceiro ninguem mais se lembrou de que houve em tem-



pos um papel chamado «Diario do Governo».

Com ele, desapareceram os decretos,

as portarias, os despachos, as notas, as circulares, os annuncios officiaes, as patentes, os boletins meteorologicos, um milhão de coisas julgadas até agora indispensaveis e o mundo continuou a rodar nos seus eixos e nós continuámos a comer pão com vidros e a fazer cruzes na boca a respeito de açúcar, massas, arroz, carne, etc. etc.

Tambem, se quasi nunca o paiz tem um governo, como diabo se compreende que tenha um «Diario» do dito?

Torre de chifre

Ofelia

Com as tranças caídas Loiras como o arrebol Parece um raio de sol Em tardes esmaecidas Quando canta o rouxinol.

Amou o principe, sim! Amou-o com devaneio Sentiu no intimo do seio As doçuras d'um jardim, O mais suave enleio!

O principe desprezou-a! Não mais se lembrou d'ela, Da sua Ofelia tão bela Com a mira na corôa, Uma virgem tão singela!

Já do principe a loucura A todos faz admiração, Quer vingar com indignação O crime e a conjura Que houve na sua nação.

«Ofelia, vai para um convento!» Diz ele á pobre menina Que toda se amofina No mais triste sentimento Sentindo á voz que a assassina!

Então Ofelia enlouquece E por fim fica moribunda Com uma dor tão profunda Que numa mais lhe esquece Como ela não ha segunda!

Triste fim da desgraçada Que tanto nos faz sofrer Nem en quero descrever Sua dor atribulada! Foi pois melhor morrer!

J. A. F.

Correspondencia

«Poesia franceza» — Já temos em nosso poder algumas traduções regulares das poesias «Ne vouldr être rien.» Continuem sabichões!

«A. X.» — O «Jerolmo» não foi ver o «Sol e Moscas». Foi por isso que não disse de sua justiça. Vai qualquer noite d'estas.

«Ribeiro O. L.» — Por dinheiro nenhum. Nem que nos mande um quilo de açúcar!



Os efemerios

«Efemerios», «de ida e volta»; «relampagos», «instantaneos», ou coisa assim, é como resolvemos chamar d'aqui em diante ás pessoas até agora conhecidas por «ministros de estado». Já sabem: quando nós dissermos: «O efemero das finanças, da guerra», etc., queremos referir-nos ao ministro respectivo, porque é a qualificação que melhor lhe cabe, pelo que se está vendo.

A proposito, alguns episódios, de que temos tido conhecimento.

Na redacção d'um jornal, o continuo, para o director:

—Esteve aqui ha pouco um sujeito, que deixou estes dois bilhetes de visita.

—Deixe vêr.

O continuo entrega um dos bilhetes.

O director, lendo:

—E' o presidente do novo ministerio



a cumprimentar. E' muito delicado. E o outro cartão?

O continuo entrega-lh'o.

O homem, lendo:

—E' boa! é do mesmo, a despedir-se!

O continuo:

—O sujeito disse que é para não ter o trabalho de cá vir logo!

Em casa do dr. Pencudo.

A's dez horas da manhã. A criada:

—Chamam ao telefone.

—Quem é?

—E' do Paço...

O dr. Pencudo, ao telefone:

—Eu... ministro? Pois não! Estou pronto para todos os sacrificios!

A's quatro horas da tarde, depois do dr. Pencudo vir de tomar posse. A criada:

—Chamam ao telefone.

—Quem é?

—E' da Presidencia do Conselho.

O dr. Pencudo, ao telefone:

—Que deseja v. ex.ª.

—Participar-lhe que o ministerio pediu a demissão...

No estabelecimento do Sergio, afamado alfaiate de fardas ricas, um novo ministro:

—Vá... prove depressa... quero esta farda para d'aqui a tres dias.

—Quando é que v. ex.ª foi nomeado ministro?

—Hoje mesmo.

O Sergio:

EM FOCO

O presidente do ministerio

Li n'um jornal que o novo presidente Do novo ministerio é um Fulano, Mas era da manhã, se não me engano; O da noite traz outro, certamente,

O qual d'aqui a ho ras, descontente, Dará a demissão e vem Cicrano, Que, depois de exhibir famoso plano, Também se raspará, como é corrente.

Seguir-se-hão diversos... Ora agora, Como não é possível que eu conheça Toda a gente, por esse paiz fóra,

E como presidente que apareça E' presidente que se vai embora, Faz-se a caricatura sem cabeça...

BEL MIRO.



—Tenho aí a farda do antecessor de v. ex.ª, que foi nomeado hontem e não a vein buscar, porque foi demetido hoje. Com umas pequenas emendas serve para v. ex.ª...

Vias competentes

Porque levon tanto tempo a resolver a questão dos passes dos carros electricos? Todos o sabem: porque é preciso dar tempo ao tempo; porque era necessario a Camara officiar á Companhia, pela repartição competente, devendo o officio dar entrada na reparti-



ção competente, da Companhia, depois subir pelas vias competentes á direcção da mesma, a qual deveria reunir, deliberar, resolver officiar em resposta, pela repartição competente, devendo esta dar saída ao referido officio por outra repartição, tambem competente, após o que o officio teria de dar entrada na repartição competente da Camara, da qual repartição subiria a outra não menos competente, etc.

Entretanto os passageiros e os conductores dos carros electricos esmurravam-se competentemente, o povo ati-

rava com as competentes pedras aos veiculos, havia a competente suspensão de movimento e os competentissimos transtornos para o publico, que não tem culpa nenhuma de tanta baralhada, que em terras de brancos se teria resolvido n'um dia!

LOGARES SELECTOS

(De João de Deus)

Gramatica rudimentar

Aquele Mannel do Rego

E' rapaz de tanto fino

Que em «lirilo» põe sempre «y» grego

E' em «lyra» põe «i» latino!

E' como a gente diz «ceia»

Escreve sempre «ceiar»;

Assim como de «passeia»

Tira o verbo «passeiar»!

Nunca diz senão «peior»

Não só por ser mais bonita

Mas porque achou n'um autor

Que deriva do sanscrito.

Escreve razão com «s»

Escreve Brasil com «z»

Assim ele nos quizesse

Dizer a razão porquê!

Tambem, como diz «eu soube»

Julga que «eu ponde» é correcto;

Temo que a morte nos roube

Rapazinho tão discreto!

E' um gramatico o Rego!

E' um purista o finorio...

Se Camões falava grego

E o Vieira latinorio!

Equilíbrio instavel



— Terra!



O Livro do Dia

CHAGAS ROQUETTE é hoje um dos escritores mais amados no teatro e as suas peças são sempre motivo de ininterruptas enchentes. Esse exito reproduz-se na livreria, por isso que comedia ou livro de Chagas Roquette passa das livrerias para as mãos do publico que o aprecia e as edições rapidamente se succedem. Agora safu «O Senhor Roubado». O que a comedia é, toda a gente sabe, já classica como é, no repertorio alegre dos nossos palcos. O que é como livro, isso é que será vedado aos retardatarios em o adquirir, pois que a edição não deverá no editor demorar muito.

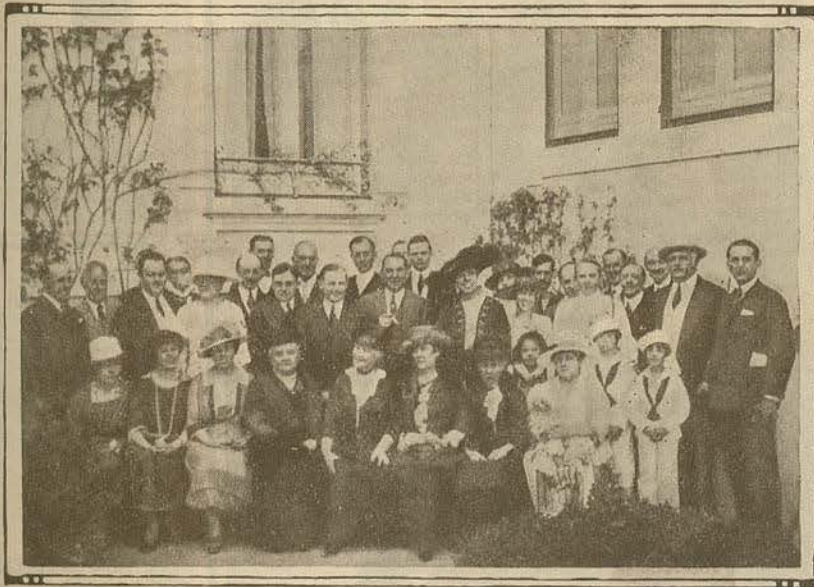


O sr. Antonio de Portugal de Faria, nome bem conhecido nas nossas letras e da nossa diplomacia foi, como delegado geral do Patriarcado Latino de Jerusalem e representante da Ordem do Santo Sepulcro em Portugal, assistir ás grandes solenidades que ultimamente se realisaram na Santa Sé. A nossa gravura mostra o nosso compatriota decorado com as insignias de grã-cruz daquela ordem pontificia.

Na Legação da America

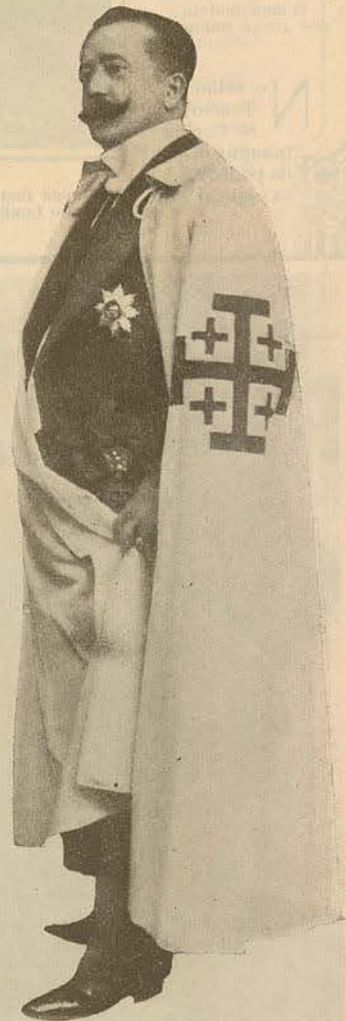
A festa comemorando o aniversario da sua independencia

PARA comemorar o aniversario da independencia dos Estados Unidos da America do Norte, realison-se na legação daquele país uma festa para que foram convidadas varias pessoas de destaque. A nossa gravura dá um curioso as-



Na Legação da America: Um grupo de convidados

pecto da assistencia, em que se vê o sr. ministro e o almirante americano de passagem na nossa capita'. Aquele interessante grupo foi tirado nos jardins do palacio da legação.



O Marquez de Faria

(Cliché de Serra Ribeiro)

A 3.ª EXPOSIÇÃO DO GRUPO DE HUMORISTAS PORTUGUEZES



O meu modelo, por Jorge Barradas

No salão do Teatro de S. Carlos inaugurou-se há pouco a 3.ª exposição do



Grupo de Humoristas Portuguezes. A ela concorreram portuguezes e hespanhoes e n'ella tem o publico ensejo de admirar umas centenas de trabalhos bonzinhos e dignos de apreço. Dos nossos visinhos hespanhoes concorreram Lo-



A dança maldita, por Bernardo Loureiro Marques



«Papillons», por Stuart de Carvalhaes. La portrait de la matiere, por Teles Machado



Da direita para a esquerda, sentados: Emerico Nunes, presidente da comissão organzadora; ministro de Hespanha, D. Alexandre Padilla; consul de Hespanha, D. José de Cubas. De pé: Sanches de Castro, Stuart Carvalhaes, Teles Machado, Menezes Ferreira, Castañó, Barradas, Cuca e Antonio Soares.



Aguarela de Echea humorista hespanhol

renzo Aguirre, Pedro Antequera Aspuri, Antonio Barbero, Bartolozzi, Bajados, Hoye d'Iloy, Echea, Juan José, K-Hito (Ricardo Garcia), Iarraga, Manchon, Ochoa, Rubio, Tito (Exoristo Salmeron) e Vazquez Diaz. Dos nossos encontramos lá os no-



A atracão da sopa, por J. de Menezes Ferreira

Os Apostolos por Emerico Harriwich Nunes. Gales del oticio, por Lorenzo Aguirre

mes de Armando de Busto, Stuart de Carvalhaes, Castañó, Emori-



Etelas da tarde, por João Marta (Arnaldo Rossano)



La maja, por Lorenzo Aguirre

tor Viriato Silva. Fartamente concorrida esta exposição é a todos os respetos bem original e curiosa.



A tia unica, por Bernardo Marques

co Nunes, Xavier Rebelo, Antonio Soares, Ruy Vaz, Ernesto do Canto, Norberto Correia, Arnaldo Rossano, Balha e Melo, Jorge Barradas, Blatte, Leal da Camara, Alfredo Caudido, Francisco de Castro, Hipolito Colomb, Cristiano Cruz, Rocha Espanca, Albert Jourdain, Loureiro Marques, Menezes Ferreira, Ramos Ribeiro, Rocha Vieira, Sanches de Castro, Jimmy Savin, Teles Machado e o escul-



Aspecto geral da sala

(Clithés Serra Ribeiro)

Elegancias O CHA'-TANGO



Em pleno chá

O Chá-Tango no Jardim Zoológico é um dos pontos onde actualmente se reúne a gente «chic». Toma-se chá, ouve-se musica e dança-se e a dança é, como todos sabem, hoje a grande loucura universal. Em Paris dança-se em toda a parte, de norte a sul e do oriente ao occidente. A tal ponto o furor subiu que já os caricaturistas tomaram pos-



Assistencia elegante
Em pleno tango

ras mostram. E realmente que melhor pôde existir do que num lindo jardim, ao som de bela musica, vêr voltear lindas mulheres e tomar uma chavena de cacau, daquelas que a S. I. C., que é como quem diz a Sociedade Industrial de Chocolates, fornece?



Gente chegando

se do caso, e nos dão um grupo de pessoas invadindo alta noite a casa das pessoas amigas e arrumando-a a seu modo, com grave escandalo do dono da casa, para começarem dançando, o que fazem sem se importarem com reclamações.

Entre nós ainda a tanto se não chegou. Mas a elegancia e o «chic» apossou-se do Jardim das Laranjeiras e transformou-o num interessante ponto de arte e de reunião, como as nossas gravu-



Aspecto geral do recinto—(Clichés Serra Ribeiro).



Pelos Teatros



Duas peças destinadas ás grandes platéas populares são aquelas a que vamos referir-nos hoje: A *Agulha Óca* no Politeama, o *Serafim da Graça* no Apolo. A primeira foi extraída por Casimiro Tristão de um romance de Maurice Leblanc e os admiradores de Arsène Lupin correram a admirar o famoso gatuno in-

sentou a terceira peça da sua carreira. O *Serafim da Graça* é uma adaptação de *Esculapio*, poeta humorístico dos mais notáveis e comediografo que conhece o paladar de certas platéas. Com esse trabalho, o velho teatro da Mouraria reconquistou um publico especial, o publico bairrista, que se deliciou vendo alguns



«Conde de Genève» (João Lopes.
«Raimunda» (Berta Viana da Mota.

Isldoro Bouteley», (Samuel Dlniz) personagem que com os que seguem são da *Agulha Óca*, em scena no Politeama.

carnado em José Alves da Cunha e a aplaudil-o, bem como a Berta Viana da Mota, a formosa e elegante actriz que repre-



dos seus artistas dilectos viverem tipos que lhe são familiares e que ele retratou com observação e com talento...



Algumas figuras de *O Serafim da Graça* em scena no Teatro Apolo.—1. «Leoncio», palheiroiro (Jorge Rol-dão). 2. «Cristina», R. de Sousa. 3. «Serafim» (José Moraes) e «Icas» (Marta Alves). 5. Tio Lucio (Aurelio Ribeiro)—(Clithés Serra Ribeiro).

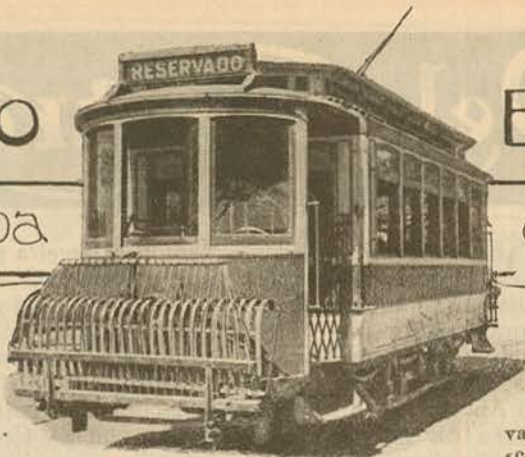
O CONFLITO

Em Lisboa

DOS ELETRICOS

e Madrid

COMO a Camara não tivesse fechado novo contracto com a Companhia dos Electricos .



Prudentemente os carros puzeram a bandeira de Reservado e recolheram ao seu «car-barn». E por enquanto, á hora do nosso jornal entrar na maquina, como se diz nos grandes diarios, ha carros, ha os passes antigos que ainda valem e não ha mais nada. Foi isto o que suceden com os elétricos, em Lisboa, no ano da graça do Senhor de 1920.



No Rocio—Começo da manifestação

e esta não estivesse pelos ajustes de fornecer passes ao preço indicado pela Camara, um belo dia d'esta semana que lá vai, assinante amigo acordou sem que o passe lhe desse passagem no eléctrico. Mas como o assinante é lisboeta da gema acordou também em fazer gritaria e protestar. Encontron logo quatro ou cinco pessoas que o acolitaram



Recoina dos carros

(«Clichés» Serra Ribeiro)



Em Madrid—Os «tranvias» impedidos de circular na calle Alcalá

no protesto e outras quatro ou cinco radicaes, para quem o protesto é palida amostra de indignação e que por unanimidade decidiram quebrar os vidros.

Se não é acudir a força, de partir os vidros teriam pasado a partir os carros e a escangalhar as linhas.



A multidão protestando

POR MÔR DE UNS MODELOS LINDOS

A arte do calçado em Portugal

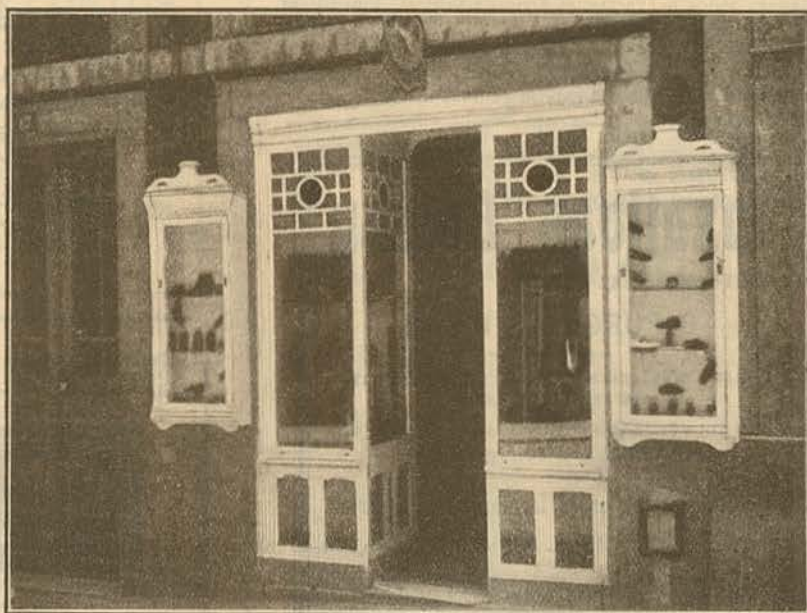
Ganharam de ha muito os portuguezes os fóros de superioridade em algumas perfeições profissionais. Legítimos fóros de trabalho, eles mantêm-se agora, mais do que nunca, nas obras de alfaiataria e de sapataria. Com efeito, quem, de entre as pessoas que nos lêem e que viajam, pode a irmar ter visto pe'as estranhas um fato de mais donairoza *coupe* ou um *parinho* de mais perfeita linha do que os que se apreciam nas populações citadinas de Portugal?

Ninguem, decerto. Valha-nos isto para compensação de muitas amarguras e muitas inferioridades.

Os artífices de sapataria têm em Portugal uma competencia admiravel. Esta verdade constatóm o-la nós, mais uma vez, quando ha dias o olhar nos de'teve a atenção em frente das *vitrines* da Sapataria O MODELO DE PARIS, na Rua do Loreto, 19.

Tudo quanto o imaginoso capricho da moda tem magicado para envolver de beleza os pés da mulher, tudo está ali n'aquela verdadeira exposição de modelos, cuja confecção o sr. Virgílio Prieto guia e ordena com o seu afinadissimo gosto e a sua competencia comp'ovada.

Sapatos de luxo, de harmoniosa suntuosidade, figurinados pelas maiores autoridades da elegancia francesa só na verdade os notámos n'aquela sapataria da Rua do Loreto. Se os francezes, assim como criam



Fachada da Sapataria Modelo de Paris

os modelos, soubessem executa-los como ali se executam, a desvanecedora fama a que aludimos no principio d'estas linhas não subsistiria.

Mas reparem todas as gentis leitoras que ainda não adquiriram nada no MODELO DE PARIS, que não estamos aqui agora a fazer um comesinho elogio de reclamo. Não. Isto escreve-se com um sim ples sentimento de admiração pelo trabalho nacional. E atravez d'esta admiração foi que tomámos como motivo completo as obras manufacturadas no elegantissimo estabelecimento do sr. Virgílio Prieto. E é tanto mais sincera esta afirmação quanto é verdade que o distinto industrial não faz da sua arte sem comparação em todo o fabrico de calçado portuguez um razão para preços inatingiveis. Não, leitoras que nos estão lendo. O MODELO DE PARIS apresenta trabalhos interessantissimos, sem os encarecer no custo. Pode-se verificar, em confronto, porque é facil.

Mas... o melhor é antes apre'iar-se *de visu* aquelles *vitrines* de uma instalação muito bonita, cheia de luz e de harmonia, ali ao lado do cinema, no Loreto. Se lá não encontrarem a finura, a variedade, a esbelteza, a alta qualidade em todos os tipos de calçado e especialmente no de senhoras e creanças é que não terão tido bem desperto o sentido que sabe ver as coisas lindas e deliciosas que um requintado trabalho pode produzir e afamar.

O "DEPURATOR" e a SIFILIS

Este usadíssimo preparado, UNICO extremamente energico e UNICO absolutamente inofensivo, está resgistado em numerosos palzes e oficialmente aprovado pelas Juntas de Saude e Higiene de varias nações.

O *Depurator* sendo inalteravelmente o mesmo preparado de sempre e não sendo um produto novo, pois conta já longos anos da mais colossal experiencia, feita continuamente por muitos dos mais considerados medicos — que até pessoalmente o tem usado — e por uma infinita legião de pessoas, é hoje considerado um remedio universal, visio ser um purificador de sangue poderosissimo, que em caso algum deixa de atuar com segurança e sem o minimo inconveniente.

Sem as desagradaveis consequencias dos depurativos purgativos e sem exigir dieta ou qualquer resguardo, podem usal-o nas suas viagens ou occupações habituales, com qualquer tempo ou clima, todos: novos e velhos, fortes e alquebrados.

Faz desaparecer de uma fórma positiva todas as dôres, torturas, rouquidão, chagas, placas, pesadelos, manchas e demais manifestações da sifilis por mais graves que sejam e substituindo com incomparavel vantagem todos os tratamentos mercuriales e inclusivamente o 606 e 914, levando em breve ao doente um forte appetite de comer, boa disposiçao de espirito e um suave bem estar jámais experimentado.

O seu enormissimo consumo até hoje nunca atingido por preparados similares, só pode ter explicação no facto de ser o UNICO preparado, que cura radicalmente a sifilis sem necessidade de outros remedios suplementares, suave e sem o mais ligeiro incomodo, tornando-o assim um depurativo sberbo e ideal, unico nos seus efeitos!

A' venda nas boas farmacias e drogarias. Cada tubo (uma semana de tratamento), 2\$00; 6 tubos, 11\$00. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Pedir o livro de instruções em todos os depositos. Deposito geral e principal: Farmacia J. Nobre: 100, Praça de D. Pedro, 110.—Lisboa.

OUTROS DEPOSITOS—No Porto, na Farmacia Dr. Moreno, largo S. Domingos, 42. Em Coimbra, na Drogaria Marques, Praça 8 de Maio, 35. Em Braga, na Farmacia dos Orãos e Instituto Galenico Português, Na *Figueira da Foz*, Farmacias Sotero. Em *Evora*, Drogaria Martins & Mala. Em *Tomar*, na Farmacia João Torres Pinheiro & C.ª. Em *Setubal*, na Antiga Casa supardo. Em *Aveiro*, na Farmacia Luz & Filho. Em *Castelo Branco*, na Farmacia Mourato Grave. Nas *Caldas da Rainha*, nas Farmacias Freitas e Central. Em *Torres Vedras*, na Drogaria Barreto. Em *Fafe*, na Drogaria Bandeira, Limitada. Em *Loania*, na casa Dantas, Valadas & C.ª. Em *Malange*, Farmacia Annes & Irmão. Na *Beira*, Caetano, Bimblil & C.ª. No *Funchal*, Drogaria Andrade & C.ª, etc., etc.

M.^{ME} Tula

Campo Grande, 264, 2.º — LISBOA



Trabalhos só pelo Bem



Esclarece todos os assumptos. Cura obsessões de Espiritos e mal occulto, por espiritismo e magnetismo; realisa casamentos, harmonisa perturbações domesticas entre casados ou zangados, etc., conduzindo pelo melhor caminho para chegar ao fim desejado e á Felicidade. Consultas das 15 as 20 horas a 2\$500, 5\$000 e 10\$000. Enviar 200 para resposta de carta



Deposito geral no PORTO: Consultorio Dentario J. Matos, Rua 54 da Bandeira, 235. — Em LISBOA: E.



Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º, E. — Em BRAGA: Gomes & Matos, Avenida Central. — No BRAZIL, PARA: A. Matos, Rua Padre Prudencio, 66.

Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue, anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 237, 1.º



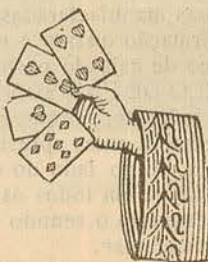
ELIXIR, PÓ, PASTA E SABAO DENTIFRICOS DOS RR. PP. BENEDICTINS

de SOULAC

Incomparaveis, Superiores a todos dentifricos conhecidos

REPRESENTANTÉ E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL: A. VINCENT, Rua Ivets, 56, LISBOA

M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Clamo da rua d'Alegria, predio esquina)

PÕ DE ABYSSINIA EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 H. FERRÉ, BLOTTIERE & C^o
 6, Rue Dombasle, PARIS

Companhia de Seguros GARANTIA
 Fundada em 1853 — Séde no PORTO
 (Edifício proprio)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918 — Esc. 6.579.529\$26
 Dividendo distribuido idem, idem — Esc. 1:394.000\$00

CAPITAL MIL CONTOS
 (Inteiramente realizado)

Effectua seguros terrestres, agricolas, industriaes, de automoveis, trespases, maritimos e de minas. Seguros de vida (em organisação).

AGENTES:
José Henriques Totta & C.^a
 BANQUEIROS
 Teleph. 533 e 1.589 central
LISBOA

Trabalhos tipograficos em todos os generos
 Officinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
 43-Rua do Seculo-43

**Este homem conhece vosso
 passado, presente e futuro**

O seu poder maravilhoso surprehende todos aqueles que o consultam e que tem beneficiado dos seus conselhos.

Se V. Ex.^a deseja conhecer a sua vida e receber GRATUITAMENTE uma Leitura de Ensaio, queira enviar: o seu endereço, data de nascimento (dia, mez e ano) escripto bem ligivelmente pela propria mão de V. Ex.^a) ao **Professor POZZO, Rua de Seine N.º 12, Paris, França.**



Os pedidos devem ser acompanhados de 20 centavos em sellos, para gastos de correio e de escriptorio, mas roga-se a finesa de não enviar dinheiro em moeda dentro do sobrescrito.

Ver, quarta-feira, o
 Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"
 Preço: 10 centavos

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez, e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 40, RUA DO CARMO, 45 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 reis, 28500 e 58000 reis.

Perfumaria Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

Casamentos
 Desejam consorciar-se uma senhora viuva, de 52 anos, bonita, elegante e instruida, muito digna e de finissimas qualidades domesticas e sentimentos mores sendo possuidora de uma solida fortuna no valor de 92 contos e igualmente Rapaz 31 anos pequena fortuna, larga pratica administração quaesquer negocios commerciaes ou agricolas, serlo casaria com senhora solteira ou viuva sem filhos tenha metos. (Resposta com selo) M. CLUB OF NEW-YORK PORTO.

P-2617-6 in. D. C.—Y. & T.—J. R. Kay Co.



O Aferro do Cão de Fila



O cão de fila nunca solta o seu "aferro" até que o amo lhe ordena.

Os afamados Cadeados Yale, logo que são fechados, nunca soltam o seu "aferro" até que são abertos com as chaves individuaes correspondentes. A sua construção forte de bronze resiste mesmo a golpes de martello grande.

Os Cadeados são de uso universal por toda a parte onde a segurança é necessaria. O conhecimento de que ninguem tem aberto com gazuza com bom exito, estando em uso um Cadeado Modelo Yale, tem augmentado o seu emprego universal em todos os casos em que a segurança é de primeira importancia.

As condições do clima não affectam os Cadeados Modelo Yale. Não se enferrujam nem corroem sejam quaes fôrem as circumstancias.

A marca de fabrica "Yale" está claramente estampada sobre os Cadeados Yale, Fechadura de Trinco para usar durante a noite, Fechaduras de Constructores e para Portas de Depositos de Ferramentas, Fechaduras de Banco e Blocos de Cadeia. A marca de fabrica é a vossa garantia de segurança e origem.

THE YALE & TOWNE MFG. CO.
 Nova York Estabelecida em 1868 E. U. A.



PÓ DE TALCO

COLGATE

SUBSTITUE COM GRAN-
DES VANTAGENS O PÓ
D'ARROZ.

O melhor para a hygiene
e toilette.



A VENDA EM TODOS OS BONS ESTABELECIMENTOS

AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE LUZO AMERICANA

DOS ESTABELECIMENTOS

GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, Lda.

145, Rua da Prata, 2.º andar — LISBOA

COPYRIGHT, 1913
BY COLGATE & CO.